

Sobre o papel das relações dialógicas em artigos científicos da área das Ciências Humanas

On the Role of Dialogic Relations in Scientific Articles in the Humanities

Fabrício José da Silva

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) | São José do Rio Preto | SP | BR
fabricio.jose@unesp.br
<https://orcid.org/0000-0001-7422-8989>

Resumo: Este artigo centra-se em aspectos relativos à análise da produção escrita de artigos científicos da área das Ciências Humanas. A reflexão ora apresentada advém de resultados de uma investigação mais ampla, uma Dissertação de Mestrado, que teve como objetivo central analisar e detalhar o papel das relações dialógicas na escrita de artigos científicos representativos das diferentes áreas do conhecimento. Com o objetivo de caracterizar como se configuram as relações dialógicas em artigos científicos da área das Ciências Humanas e discutir as implicações dessas relações para a construção da escrita científica, analisamos artigos científicos coletados em dois periódicos acadêmicos classificados no estrato A1 (Qualis), cujos fragmentos textuais ilustraram diferentes manifestações das relações dialógicas, examinadas com base nas classificações dos tipos e variantes de discurso discutidos em Bakhtin (2018) e em Volóchinov (2021). Metodologicamente, a análise empreendida baseou-se no estudo metodológico da língua exposto por Volóchinov (2021), conjugado com o paradigma indiciário (Ginzburg, 1991). Os resultados apontam como são diversas as diferentes formas de manifestação do dialogismo no gênero discursivo artigo científico e como os usos dos tipos e variantes de discurso orientam o processo de textualização dos artigos científicos na medida em que o discurso do outro é retomado, antecipado e citado.

Palavras-chave: relações dialógicas; tipos de discurso; artigo científico; escrita acadêmica.



Abstract: This article focuses on aspects related to the analysis of the written production of research articles in the field of the Humanities. The discussion presented here derives from the results of a broader investigation developed in a Master's thesis, whose main objective was to analyze and detail the role of dialogic relations in the writing of research articles representative of different areas of knowledge. In order to characterize how dialogic relations are configured in Humanities research articles and to discuss their implications for the construction of academic writing, we analyzed articles collected from two academic journals ranked A1 in the Brazilian Qualis system. Selected textual excerpts illustrate different manifestations of dialogic relations, examined on the basis of the classifications of discourse types and variants discussed in Bakhtin (2018) and Volóchinov (2021). Methodologically, the analysis was grounded in Volóchinov's methodological study of language (2021), combined with the evidential paradigm (Ginzburg, 1991). The results reveal the diversity of dialogism's manifestations in the research article as a discursive genre and demonstrate how the use of different discourse types and variants guides the textualization process, as the discourse of the other is taken up, anticipated, and cited.

Keywords: dialogic relations; types of discourse; scientific article; academic writing.

1 A título de contextualização

Escrever na esfera acadêmica é uma competência fundamental na formação e na atuação de pesquisadores nas diferentes áreas do conhecimento. Quer para cumprir requisitos enquanto bolsista, para promover a comunicação e a divulgação científica entre os pares, quer para pleitear bolsa de agência de fomento à pesquisa, etc., o desenvolvimento da escrita acadêmica é crucial nessas diferentes atuações do estudante ou do professor/pesquisador. Dentre os gêneros discursivos que circulam na esfera acadêmica, o *artigo científico* destaca-se tendo em vista sua ampla produção em todas as diferentes áreas do conhecimento como veículo privilegiado para publicização dos resultados das pesquisas empreendidas. Conforme apontam Motta-Roth e Hendges (2010, p. 66), “[...] o artigo acadêmico é o gênero textual mais conceituado na divulgação do saber especializado acadêmico”. Justamente por ocupar posição central na circulação e na legitimação do conhecimento científico, esse gênero constitui um espaço

privilegiado para observar como se configuram as relações dialógicas que sustentam a construção argumentativa e a produção de sentidos na escrita acadêmica. Assim, a escolha dos fragmentos dos artigos científicos como objeto de análise justifica-se por permitir examinar, em sua forma mais institucionalizada, os modos de interlocução que permeiam o processo de escrita nas Ciências Humanas.

Entendemos que o processo de escrita (e o ensino de escrita) é plasmado e (en)formado por relações dialógicas na universidade (Miranda, 2016) e complexamente organizados por essas relações (Maciel, 2014). Sob o olhar bakhtiniano, entendemos que a escrita – acadêmica ou não – é necessariamente um ato dialógico. Para discorrermos a esse respeito, discutimos neste texto como os modos de citação presentes nos artigos científicos são complexamente organizados e mostram nuances das diferentes manifestações das relações dialógicas que constituem o processo de escrita desse gênero discursivo.

Procuramos, destarte, responder neste artigo à seguinte questão: *como as relações dialógicas constitutivas da linguagem se expressam em termos dos modos de citação empregados em artigos científicos da área das Humanidades?* Objetivamos, desse modo, explicitar que as citações presentes em artigos científicos podem ser mais bem compreendidas quando se considera o papel das relações dialógicas estabelecidas pelo escrevente ao tecer vínculos dialógicos entre palavras próprias e palavras alheias.

Sublinhamos que o presente artigo decorre de uma pesquisa mais ampla, que contemplou o estudo e a análise das relações dialógicas constituintes do gênero acadêmico artigo científico nas três grandes áreas do conhecimento – Ciências Biológicas, Exatas e Humanas. Neste artigo, contudo, focalizaremos apenas as publicações que compreendem a grande área de Ciências Humanas, uma vez que a discussão referente às demais áreas do conhecimento renderia análises extensas, as quais não caberiam e não seriam contempladas a contento no espaço composicional deste trabalho¹.

Somadas a essa pergunta principal, anteriormente transcrita, entram em cena também outras questões norteadoras do presente trabalho, a saber: (i) como se dão as relações dialógicas entre o discurso autoral e as vozes outras (alheias) na escrita dos artigos científicos?; (ii) como os tipos e variantes de discurso expõem as interações dialógicas eventualmente encontradas nesses artigos?; e (iii) quais as possíveis relações dialógicas estabelecidas entre os artigos científicos representativos da grande área de Ciências Humanas e as vozes outras (alheias) que auxiliaram na construção desses artigos?

Tendo em consideração essas questões, o presente texto tem por objetivo central caracterizar o papel das relações dialógicas na constituição da escrita de *artigos científicos* representantes das publicações relativas à área de Ciências Humanas². Essa análise está ancorada nos tipos e variantes de discurso que se encontram nas obras do Círculo de Bakhtin – *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021) e *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2018).

A fim de alcançar esse objetivo, valemo-nos da metodologia de estudo da língua proposta por Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021) e que será detalhada em

¹ O trabalho completo de que resulta parte das discussões expostas neste artigo pode ser consultado em Silva (2024).

² Optamos pelo uso da expressão “área de Ciências Humanas” como um modo de uniformizar as muitas classificações que são feitas pela CAPES em relação às Humanidades. Além disso, partimos também do pressuposto de que as diferentes áreas do conhecimento são tradicional e historicamente divididas em três grandes áreas: Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Ciências Humanas.

nosso texto mais à frente. Associado a essa abordagem, também nos valem do paradigma indiciário, proposto por Ginzburg (1991), dado que não analisaremos todos os casos de citação possíveis encontrados nos artigos científicos, mas apenas ocorrências que “saltaram a nossos olhos” (Ginzburg, 1991, p. 179), conforme a proposta do paradigma.

A escolha de alguns excertos exemplares dos modos de citação buscou ilustrar de maneira satisfatória como os tipos e variantes de discurso influenciaram, sobretudo, na construção composicional dos artigos da área de Ciências Humanas. Buscou, também, ilustrar como esses tipos de discurso orientaram a constituição da escrita desses artigos em termos de menção ao discurso do outro.

Este artigo delimita-se à análise de artigos científicos da área das Ciências Humanas, diferentemente da pesquisa mais ampla que lhe deu origem, a qual contemplou outras grandes áreas do conhecimento. O recorte ora assumido permite aprofundar a análise qualitativa dos modos de citação enquanto manifestações das relações dialógicas, concentrando-se nas especificidades axiológicas e discursivas que caracterizam esse domínio disciplinar em específico. Assim, a contribuição deste estudo reside na descrição detalhada do funcionamento dos tipos e variantes de discurso na constituição do artigo científico em Ciências Humanas.

O presente artigo está organizado em duas seções relativas à fundamentação teórica; nelas, discorreremos a respeito do gênero do discurso *artigo científico* no viés bakhtiniano e acerca da manifestação das relações dialógicas quanto ao uso e à apropriação dos tipos e variantes de discurso. Na sequência, apresentamos os procedimentos metodológicos com vistas à concretização dos objetivos propostos. Adiante, mostramos a análise de trechos selecionados de artigos científicos, a fim de ilustrar nossa discussão; por fim, tecemos as considerações finais, destacando as principais reflexões advindas deste estudo.

2 O gênero do discurso artigo científico como um complexo de relações dialógicas

Sob o olhar bakhtiniano e do Círculo, os gêneros são concebidos como tipos *relativamente estáveis* de enunciados, considerada a possibilidade de se alterarem no curso do desenvolvimento histórico do tempo. Os gêneros do discurso são enunciados por meio dos quais a linguagem se manifesta e, portanto, se realiza; os elementos constitutivos dos gêneros são: conteúdo (temático), construção composicional e estilo. No dizer de Bakhtin, todos esses três elementos estão “indissolúvelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (2016, p. 12, grifo do autor). Esses três elementos – conteúdo temático, construção composicional e estilo –, portanto, não estão separados do complexo do enunciado; ao contrário: formam um todo concreto.

Cada enunciado, também na concepção bakhtiniana e do Círculo, é concebido mediante as *particularidades* de determinada esfera da comunicação humana. No caso do artigo científico – objeto de análise do presente trabalho –, entram em cena determinações e implicações próprias a práticas letradas acadêmico-científicas, tais como as diretrizes de submissão e avaliação em determinados periódicos de divulgação científica, as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), *Vancouver*, *American Psychological Association* (APA), políticas científicas, dentre outros aspectos intrínsecos à seara da escrita acadêmica.

Bakhtin (2016) também divide os gêneros em primários e em secundários. Tal classificação é estabelecida observando o vínculo que esses gêneros podem apresentar em relação a uma dada realidade concreta. Os gêneros primários são aqueles que dispõem de um forte vínculo com a realidade imediata. Como exemplo, poderíamos citar a ata de uma reunião, dado que, se os participantes faltarem à reunião, não haverá possibilidade de registro das decisões tomadas nessa reunião. Os gêneros secundários, por seu turno, não apresentam esse vínculo tão fortemente ligado à realidade imediata. Como exemplo, poderíamos citar uma charge: ela pode ser lida a qualquer momento do tempo e em vários espaços. Desse ponto de vista, não estamos imersos em uma relação de dependência com o momento presente.

Isso posto, na perspectiva bakhtiniana e do Círculo, o *artigo científico* deve ser compreendido como um gênero discursivo secundário, uma vez que pertence a um contexto de produção cultural mais elaborado e demasiado complexo – o da seara da escrita acadêmica – e, desse modo, atende às especificidades/particularidades desse campo da atividade humana. Vale ressaltar, também, que o próprio Bakhtin comenta, em *Os gêneros do discurso* (2016), o fato de os textos advindos da pesquisa científica serem gêneros secundários, conforme observamos na citação a seguir:

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, ‘pesquisas científicas de toda espécie’, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – ficcional, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (Bakhtin, 2016, p. 15, grifos nossos).

Sendo também um gênero do discurso, a produção do artigo científico passa pela construção composicional, pelo conteúdo temático e pelo estilo inerentes a esse gênero. Além disso, por se vincular a uma determinada área do conhecimento, o artigo científico refletirá e refratará as *particularidades* dessa esfera da atividade humana. Assim, entram em cena implicações específicas para a construção e para a formulação desses três elementos constitutivos do enunciado no todo do artigo científico.

Importante sublinhar também – e esse é o interesse particular do presente artigo – as diversas formas de retomada, antecipação e citação do discurso de outrem, isto é, as marcas evidentes de relações dialógicas que podem ser vislumbradas neste gênero. As relações dialógicas são interpretadas como as relações de diálogo (em sentido amplo) entre as vozes mobilizadas pelos autores nos enunciados por eles produzidos. Assim, no momento em que falamos ou escrevemos, esperamos sempre uma *posição responsiva* – uma resposta ativa – por parte do nosso interlocutor, ainda que não haja resposta em voz alta. Essa resposta ativa caracterizar-se-ia como a preocupação sentida no tocante à forma como o nosso texto ou fala poderá vir a ser recebido. Ou seja, preocupamo-nos com a recepção de nosso enunciado.

Ademais, todo enunciado se relaciona, necessariamente, com enunciados passados. Nas palavras de Bakhtin (2016, p. 57, grifo do autor), cada enunciado

[...] é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um deter-

minado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição ‘definida’ em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições.

Para Bakhtin, portanto, é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições; daí entram em cena os *elos antecedentes* e os *elos futuros*. Os primeiros são entendidos como as relações/conexões que se manifestam entre um enunciado com textos ou falas passadas; os segundos, como as possíveis relações/conexões que poderão ser suscitadas entre um enunciado e outros enunciados porvindouros. Toda a comunicação humana, sob o olhar bakhtiniano e do Círculo, tem por base esses elos cuja função é unir as palavras e as ideias de um indivíduo com outro indivíduo. A esses elos, atribui-se o nome de *relações dialógicas*. Podemos depreender, então, que o falante ou escrevente sempre leva em consideração enunciados passados para a construção dos próprios enunciados³ dele, os quais suscitarão outras respostas – não inéditas, pois partem de um já-dito – em momentos futuros. O gênero discursivo é, ao fim e ao cabo, interpretado como um complexo de relações dialógicas.

Na próxima seção, detalhamos os tipos e variantes de discurso, tendo por base *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018). A seguir, em nossa análise, procuraremos discorrer acerca dos modos pelos quais tais tipos e variantes de discurso podem se manifestar na constituição da escrita de artigos científicos.

3 Relações dialógicas manifestadas pelos usos dos tipos e variantes de discurso

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018), Bakhtin realiza classificações quanto aos “tipos de discurso da prosa”. Ao fazer essas classificações, o autor lista formas de relacionamento possíveis entre a palavra própria e a palavra alheia. Por sua vez, Volóchinov, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021), elenca e analisa vários tipos de discurso, diretos, indiretos e indireto livre.

De nossa parte, neste artigo, destacaremos apenas os tipos e variantes de discurso apresentados pelo Círculo, nas obras *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2018) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021), que se mostraram influentes no processo de escrita dos fragmentos textuais dos artigos científicos selecionados para análise.

Um primeiro tipo de discurso, apresentado por Bakhtin e que citaremos aqui, denomina-se *discurso direto orientado para o referente* (Bakhtin, 2018, p. 213). Esse tipo de discurso pode ser identificado no momento em que o discurso autoral se volta única e exclusivamente a um determinado objeto, a um único e exclusivo referente. A título de ilustração, conforme aponta Silva (2024), pensemos em um objeto material, como uma árvore. Caso alguém pronuncie a

³ Mais à frente, essa questão será observada com base na análise dos diferentes modos de citação em artigos científicos por meio dos quais poderá ser notada a réplica a enunciados passados, bem como a capacidade de suscitar respostas futuras, caracterizando, assim, um modo de olhar para as relações dialógicas atuantes na escrita de artigos científicos.

frase “esta árvore é linda!”, tem-se um exemplo de um discurso voltado exclusivamente a um objeto, a um único referente, a saber: a árvore.

Outro tipo de discurso apresentado por Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2018), é o *discurso objetificado* (discurso da pessoa representada). Nesse tipo de discurso, um autor de prosa torna o discurso da personagem por ele criado o seu objeto.

Conforme Bakhtin (2018), o discurso da personagem é orientado única e exclusivamente para o seu objeto e esse discurso também é objeto de outra orientação – a orientação do autor. Nesse sentido, o discurso da personagem volta-se a um referente sobre o qual se fala; mas também esse mesmo discurso da personagem funciona como o objeto de discurso do autor. Ainda no que toca a esse tipo de discurso, a unidade de enunciação da personagem *subordina-se* à unidade de enunciação do autor, tendo em vista que é objeto dela. Logo, na proposta de Bakhtin, o *discurso objetificado* se refere ao discurso da personagem; neste trabalho, no entanto, esse conceito é expandido para a análise das formas de citação nos artigos científicos. Assim, em nossos dados, o *discurso objetificado* não compreende o discurso da personagem, mas o discurso de outros autores reais com os quais o(s) escrevente(s) dos artigos científicos dialoga(m).

Considerando o princípio bakhtiniano e do Círculo de que o enunciado sempre leva em conta enunciados alheios, entra em cena um terceiro tipo de discurso: o *discurso orientado para o discurso do outro*, a que Bakhtin atribui o nome de “discurso bivocal”. Bakhtin discrimina três variedades de *discurso bivocal* – em que há a presença de duas vozes imbricadas –, a saber: (i) discurso bivocal de orientação única; (ii) discurso bivocal de orientação vária; e (iii) discurso bivocal de tipo ativo.

Neste artigo, discorreremos apenas acerca de duas variedades – *discurso bivocal de orientação única* e *discurso bivocal de orientação vária* –, uma vez que apenas essas variedades se fizeram presentes de maneira sistemática no *corpus*, assumindo função significativa na estruturação do discurso autoral e na incorporação da palavra do outro. Quanto à primeira variedade do discurso bivocal, o *discurso bivocal de orientação única*, esclarece Bakhtin (2018, p. 221): “consiste em que o autor inclui no seu plano o discurso do outro voltado para as suas próprias intenções”. Nesse tipo de discurso, há duas vozes, mas essas vozes estão seguindo uma única orientação – a orientação prescrita pelo autor. Conforme cita Bakhtin (2018), um exemplo típico de *discurso bivocal de orientação única* é o discurso do narrador, dado que, nesse caso, a voz do narrador está a serviço da voz do autor. Nesse tipo de discurso, não há conflito entre ambas as vozes – a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio –, pois ambas convergem para uma mesma e única orientação: a orientação prescrita pelo autor do texto. Assim, a voz alheia está *a serviço* da voz do discurso autoral, uma vez que “serve”, por assim dizer, aos propósitos discursivos do discurso autoral.

Quanto à segunda variedade do discurso bivocal, *discurso bivocal de orientação vária*, temos que “o discurso se converte em palco de luta entre duas vozes com orientação diametralmente oposta” (Bakhtin, 2018, p. 221). O autor russo traz como exemplo o discurso parodístico, pois, nesse caso, o autor obriga a palavra do outro a servir a fins opostos àqueles originalmente empregados.

Por último e não menos importante, Bakhtin ainda cita o *diálogo velado* como uma das manifestações do discurso bivocal de tipo ativo. Assim considera Bakhtin (2018, p. 226):

Imaginemos um diálogo entre duas pessoas no qual foram suprimidas as réplicas do segundo interlocutor, mas de tal forma que o sentido geral não tenha sofrido qualquer perturbação. O segundo interlocutor é invisível, suas palavras estão ausentes, mas deixam profundos vestígios que determinam todas as palavras presentes no primeiro interlocutor.

No diálogo velado, o interlocutor não se manifesta de forma explicitamente representada no enunciado. Ainda assim, sua presença é pressuposta, na medida em que o discurso se organiza como réplica a enunciados anteriores ou antecipados. Bakhtin (2018) assinala que, na obra de Dostoiévski, esse tipo de dialogização é particularmente elaborado e assume posição de destaque na construção estética do romance. Tal procedimento discursivo comparece em diversas obras do autor, entre as quais *Gente pobre*, *O duplo*, *Memórias do subsolo* e *Os irmãos Karamázov*.

Assim, no *diálogo velado*, esse “outro” com o qual a personagem dialoga é ausente; porém, suas palavras deixam sinais as quais determinam que tudo o que será dito por ela – pela personagem⁴ – recebe influência desse outro. Bakhtin acrescenta que o *diálogo velado* é amplamente difundido nas narrativas de Dostoiévski. Verificaremos, adiante, se há, na escrita dos artigos científicos, exemplos de diálogo velado, por meio do qual o escrevente dialoga consigo mesmo tendo em conta as réplicas de um interlocutor ausente.

Passemos agora aos tipos de discurso abordados em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021), com destaque àqueles que se mostraram influentes nos fragmentos textuais selecionados para análise.

Um dos tipos de discurso examinado por Volóchinov (2021) é o *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, cuja manifestação ocorre quando o discurso do outro passa a “contaminar” o discurso autoral. Desse ponto de vista, o discurso autoral recebe influências *diretas* do discurso alheio. Assim, há um embate entre duas entonações: a do autor e a das personagens, levando-nos, por consequência, ao fenômeno da *interferência discursiva* (Volóchinov, 2021, p. 284). Mostra-se esse embate no conflito entre o discurso narrativo e as particularidades linguísticas do discurso da personagem. Segundo Volóchinov (2021), as influências que o discurso autoral recebe das palavras outras (alheias) acabam por atenuar as fronteiras entre os aspectos afetivo-emocionais do autor e aqueles aspectos afetivo-emocionais do discurso do outro.

Outro tipo de discurso apresentado por Volóchinov (2021) é o *discurso direto substituído*. Nesse tipo de discurso, o autor passa a falar pelo outro, isto é, falar no lugar e em nome do outro com o qual dialoga. Nesse caso, o autor tenciona se antecipar ao discurso do outro, de modo a falar por ele aquilo que poderia ser dito pelo próprio personagem.

No *discurso direto em estilo monumental*, por sua vez, o enunciado alheio é interpretado como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Esse tipo de discurso difere, em termos de sentido, do discurso indireto, em que há a transmissão analítica do discurso alheio.

Segundo Volóchinov (2021), uma das tendências do discurso indireto é realizar a análise do discurso alheio, daí que se nomeie essa tendência de analítica do discurso indireto. Nessa tendência do discurso indireto, os elementos afetivo-emocionais do discurso alheio são transferidos para o conteúdo do discurso indireto.

⁴ Mais uma vez, ressalte-se que esse conceito é expandido para a análise de formas de citação de outros autores reais.

Exemplifiquemos a título de esclarecimento. Quando alguém diz, por exemplo, “Que maravilha! Isso sim é um trabalho de qualidade!”, tem-se um discurso direto. Já no discurso indireto, teríamos algo como: “Ele disse que aquilo era uma maravilha e um verdadeiro trabalho de qualidade”. Temos em cena, portanto, a passagem dos aspectos afetivo-emocionais para o conteúdo do discurso indireto relato, o que não ocorre com o *discurso direto em estilo monumental*. Isso porque o discurso direto em estilo monumental é citado de modo compacto, sem interferências do discurso autoral em seu interior. Os aspectos afetivo-emocionais do discurso alheio permanecem inalterados, sem transmissão analítica por parte do discurso autoral.

Outro tipo de discurso apontado por Volóchinov (2021) e que se mostra pertinente para a análise empreendida a seguir é o *discurso direto preparado*, cuja manifestação ocorre quando o discurso autoral “prepara”, por assim dizer, a emergência do discurso alheio, de modo a sublinhar a sua diferença. Ocorre quando o autor antecipa, por exemplo, os temas do discurso alheio dos autores com os quais dialoga. O discurso indireto do autor “prepara” (antecipando) temas do discurso direto alheio que virão na sequência. O discurso direto alheio, assim, surge do discurso indireto autoral. Desse modo, o futuro discurso direto e os principais temas dele são antecipados e preparados pelo contexto e pelas entonações do discurso indireto do autor.

A mobilização dessas categorias teóricas não tem caráter meramente classificatório. Ao analisar o artigo científico sob a perspectiva das relações dialógicas, assume-se que cada modo de citação revela posicionamentos axiológicos e estratégias de inscrição do sujeito na cadeia discursiva da área. Desse modo, os tipos e variantes de discurso não são apenas formas estruturais, mas índices do modo como o pesquisador se situa frente à tradição teórica que convoca.

Importa reconhecer que a taxonomia dos tipos e variantes de discurso, tal como sistematizada por Bakhtin e Volóchinov, foi originalmente elaborada para a análise do romance polifônico, especialmente a partir da obra de Dostoiévski. Nesse contexto, categorias como *discurso bivocal*, *diálogo velado* e *discurso objetificado* visavam a descrever a coexistência de consciências plenivalentes em um universo ficcional estruturado pela não finalização e pelo confronto axiológico entre vozes.

A transposição dessas categorias para o domínio do gênero artigo científico não pode, portanto, ser realizada de modo acrítico. Há uma diferença fundamental de natureza axiológica entre os dois gêneros. No romance polifônico, o dialogismo radical constitui o próprio princípio estético organizador da obra, sustentando a multiplicidade de verdades não fundidas. Já no artigo científico, embora o diálogo com vozes anteriores seja constitutivo do gênero, a orientação argumentativa tende a organizar-se em direção à sustentação de uma tese específica, amiúde subordinando vozes alheias ao projeto enunciativo do autor.

Reconhecida essa diferença, sustentamos, entretanto, que as categorias bakhtinianas mantêm valor heurístico para a análise do discurso científico, desde que compreendidas não como descrição de uma polifonia plena, mas como instrumentos para examinar os modos de incorporação e reacentuação do discurso de outrem. O que se investiga, neste estudo, não é a existência de consciências plenivalentes em conflito aberto, mas as formas pelas quais o artigo científico articula, enquadra, legitima ou tensiona vozes precedentes na construção da argumentação.

Assim, a aplicação da taxonomia não implica equiparar o artigo científico ao romance polifônico presente nas obras de Dostoiévski, mas explorar a produtividade analítica das categorias para compreender como o discurso científico realiza, em seu próprio horizonte axiológico, processos de dialogização.

Na seção que se segue, apresentamos noções que permearam nossos procedimentos metodológicos.

4 Metodologia e *corpus* de pesquisa: artigos científicos representativos da área das Ciências Humanas

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021), Volóchinov aponta um caminho, uma ordem metodológica a partir da qual se pode estudar a língua. Tal ordem, conforme Volóchinov (2021, p. 220), passaria pelas:

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.

Desse modo, assumindo esse percurso metodológico e ajustando-o a nossos dados, procuramos seguir: (a) descrever o contexto de constituição dos artigos; (b) descrever como gênero discursivo o artigo científico por meio do qual se dão as interações discursivas analisadas; e (c) examinar as relações dialógicas constitutivas do gênero do discurso acadêmico artigo científico, privilegiando os tipos e variantes de discurso por meio dos quais se tecem as relações dialógicas nos artigos sob análise.

Para desenvolver essa exposição, optamos por determinados artigos e destacamos certos modos de citação. A escolha dos fragmentos a serem analisados a seguir se deu por intermédio da leitura e da comparação entre os três primeiros artigos científicos listados na edição de volume 44⁵ e número 3 do periódico “Cadernos Nietzsche” e de número 68 do periódico “Cadernos Pagu”.

A seleção dos fragmentos analisados foi orientada por três critérios: (i) presença explícita de modos de citação direta ou indireta; (ii) ocorrência de marcas linguístico-discursivas que evidenciam articulação entre discurso autoral e discurso alheio; (iii) potencial ilustrativo para exemplificar diferentes tipos e variantes de discurso descritos por Bakhtin e Volóchinov. O paradigma indiciário fundamenta a análise interpretativa, tendo em vista que se baseia em “elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”, em “formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de que [...] suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas” (Ginzburg, 1991, p. 179, grifos do autor); contudo, não elimina a necessidade de critérios explícitos de seleção.

O paradigma indiciário, nesse contexto, nos interessa como procedimento metodológico não tanto por nos determos a indícios, mas, antes, por nos permitir selecionar, a partir de nossas vivências e conhecimentos, aquilo que nos “salta” aos olhos. Elegem-se, assim, fragmentos dos artigos científicos que puderam ilustrar as relações dialógicas em termos dos diferentes tipos e variantes de discurso. A metodologia empregada no presente trabalho, desse modo, conjuga os postulados bakhtinianos a elementos imponderáveis, conforme citado por Ginzburg (1991).

⁵ À época de realização da pesquisa, era a edição publicada mais recente.

Inicialmente, buscamos periódicos acadêmicos representativos da área das Ciências Humanas. No momento de nossa busca, segundo semestre de 2023 – setembro a novembro de 2023 –, na *Plataforma Sucupira*⁶, selecionamos as revistas “Cadernos Nietzsche” e “Cadernos Pagu”, as quais estavam inseridas na grande área de Ciências Humanas e classificadas como A1, o que nos possibilitou considerá-las representativas da área em que se encontravam inseridas e classificadas.

Optamos por esse estrato, dado que essa “nota” atribuída indica que os periódicos e os respectivos artigos científicos neles publicados alcançaram maior número de citações referentes à avaliação quadrienal 2017-2020 da CAPES. Como corolário dessa avaliação, os periódicos com maior número de citações tendem a gozar de mais prestígio na esfera acadêmica, sobretudo em termos de divulgação científica.

No que toca ao estrato⁷ Qualis, é oportuno lembrar como se efetiva essa classificação quadrienal dos periódicos científicos realizada pela CAPES. A classificação dos periódicos acadêmicos é utilizada historicamente como qualificação *indireta* da produção intelectual dos artigos científicos publicados nessas plataformas de divulgação científica – os periódicos (Capes, 2023). A qualificação é indireta tendo em vista que não se atribui um conceito *diretamente* aos artigos científicos vinculados a esses suportes, mas, por meio do Qualis, atribuem-se conceitos a esses veículos de divulgação nos quais se inscrevem os artigos.

Nesse contexto, os periódicos classificados no estrato A1 gozam de mais prestígio na seara da divulgação científica. Por extensão, os artigos científicos a eles vinculados também parecem receber mais prestígio acadêmico. Optamos por trabalhar com artigos científicos inscritos em periódicos cuja classificação esteja posicionada no estrato A1 na medida em que essa validação parece indicar que os textos presentes nesses periódicos são reconhecidos como bons representantes do gênero discursivo artigo acadêmico em termos temáticos, estilísticos e composicionais do gênero na esteira do que propõe Bakhtin (2016) no que concerne aos estudos dos gêneros do discurso. Consequentemente, os modos de citação empregados nos textos analisados são também (re)conhecidos como adequados a esse gênero discursivo e a essa esfera da atividade humana.

No quadro a seguir, listamos as revistas e os respectivos artigos que foram objeto de análise⁸.

Quadro 1 – Periódicos científicos que constituem o corpus deste artigo

Ciências Humanas
“Cadernos Nietzsche” Disponível em: https://www.scielo.br/j/cniet/i/2023.v44n3/
“Cadernos Pagu” Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/2097

Fonte: Elaboração própria.

⁶ Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>.

⁷ “Estrato” é preferível à “nota” em virtude de o Qualis ser mais propriamente uma espécie de ranqueamento, que enfeixa complexos cruzamentos de critérios.

⁸ Os artigos analisados concernem à edição mais recente do periódico à época de realização da pesquisa.

A seguir, transporemos em forma de imagem (captura de tela) como os três artigos estavam situados no momento de nossa coleta de dados, em novembro de 2023, das revistas escolhidas, a saber: “Cadernos Nietzsche” e “Cadernos Pagu”.

Figura 1 – Os três primeiros artigos listados na edição analisada da “Cadernos Nietzsche”

▼ **Sumário**

Cadernos Nietzsche, Volume: 44, Número: 3, Publicado: 2023

Dossiê 150 de publicação de *O nascimento da tragédia* Editorial
Calomeni, Tereza C.
Texto: PT | PDF: PT

Abrindo trilhas com leituras: reflexões sobre a gênese de *O nascimento da tragédia*
Dossiê 150 De Publicação De O Nascimento Da Tragédia
Cavalcanti, Anna Hartmann
Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Entre a arte e a filosofia: Nietzsche e o lugar de Platão em *O nascimento da tragédia*
Dossiê 150 De Publicação De O Nascimento Da Tragédia
Mendonça, Adriany Ferreira de
Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Lendo *O nascimento da tragédia* 150 anos depois Dossiê 150 De Publicação De O Nascimento Da Tragédia
Pimenta, Olímpio
Resumo: EN PT | Texto: PT | PDF: PT

Fonte: <https://www.scielo.br/j/cniet/i/2023.v44n3/>

Figura 2 – Os três primeiros artigos listados na edição analisada da “Cadernos Pagu”

Artigos

Camila Fernandes 1-18
Desejo e acusação: a “novinha” e a sexualidade feminina como fonte de tensão
PDF

Diego Calmon 1-17
Bissexualidade e ambiguidade: relações metafóricas e processos metonímicos em produções discursivas sobre a bissexualidade
PDF (English) PDF (English)

Karla Garcia Luiz, Marivete Gesser 1-14
Mulheres com deficiência e dependência complexa: experiências de relações de cuidado para (sobre)viver
PDF PDF (English)

Fonte: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/2097>

À época de realização da pesquisa, optamos por selecionar apenas 3 (três) artigos de cada revista em função da necessidade de refinarmos os nossos dados, tendo em vista a impossibilidade de contemplar a contento todos os artigos publicados na edição analisada. Na sequência, passemos à análise e à discussão dos resultados.

5 Exame das relações dialógicas em artigos científicos da área das Ciências Humanas

Nesta seção, analisamos artigos científicos da área das Ciências Humanas, tencionando desvelar de que modo as relações dialógicas podem servir a diferentes projetos discursivos e a objetivos comunicacionais. Conforme já informado, optamos por focalizar determinados trechos dos três primeiros artigos científicos listados na edição analisada de ambos os periódicos escolhidos.

Dentre os três artigos listados primeiramente na edição de cada revista, analisamos, nesta seção, apenas excertos dos seguintes artigos: “Abrindo trilhas com leituras: reflexões sobre a gênese de *O nascimento da tragédia*”, “Entre a arte e a filosofia: Nietzsche e o lugar de Platão em *O nascimento da tragédia*”, publicados na Cadernos Nietzsche. Publicados na Cadernos Pagu, analisamos os artigos “Desejo e acusação: a ‘novinha’ e a sexualidade feminina como fonte de tensão”, “Bissexualidade e ambiguidade: relações metafóricas e processos metonímicos em produções discursivas sobre a bissexualidade”.

Esses artigos foram escolhidos para constituírem o *corpus* desta exposição, visto que os fragmentos selecionados ilustraram diferentes atuações dos tipos e variantes de discurso que influenciaram e orientaram o processo de escrita do(s) artigo(s) científico(s) analisado(s) em termos de menção ao discurso do outro. Assim, julgamos que os fragmentos textuais desses artigos analisados contemplam a contento nossos objetivos neste trabalho e podem ilustrar de maneira satisfatória os aspectos das relações dialógicas que nos propusemos a comentar.

Tendo em vista o nosso interesse em analisar os modos de citação como constitutivos das relações dialógicas, passemos a examinar alguns excertos dos artigos, para exemplificar as questões que pretendemos discutir.

O primeiro fragmento a ser analisado foi retirado do artigo “Abrindo trilhas com leituras: reflexões sobre a gênese de *O nascimento da tragédia*” e se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

- (1) É nesse sentido que se deve compreender a afirmação de Nietzsche de que Dioniso é o “efetivo herói cênico” e que todas as figuras do palco grego são apenas “máscaras” do deus (GT/NT10, KSA1.69).

Nesse trecho, percebemos a atuação dos: a) *discurso bivocal de orientação única*, b) *discurso direto em estilo monumental*, c) *discurso direto preparado*, d) *discurso antecipado, disperso, oculto* e e) *discurso direto substituído*. As duas vozes presentes na constituição desse trecho não apresentam orientações opostas entre si; ao contrário: ambas convergem para uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual se deve compreender a afirmação de Nietzsche como “efetivo herói cênico” e que as outras figuras do palco seriam apenas “máscaras” do deus. Não há, portanto, conflitos/divergências entre ambas as vozes citadas, uma vez que elas seguem uma mesma e única orientação. Assim, a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio estão embasadas no uso do *discurso bivocal de orientação única*.

Em “efetivo herói cênico”, temos a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Notamos que as palavras de outrem foram transpostas para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foram empregadas. Assim, preserva-se o caráter “imutável” do enunciado do outro, uma vez que ele foi transposto para o contexto do discurso autoral sem alterações de qualquer ordem. Mediante o uso desse tipo de discurso, há também um modo de o autor⁹ se manter fiel às palavras do outro com o qual dialoga, tendo em vista que não houve alterações na passagem do discurso alheio para o contexto do discurso autoral.

Quanto aos usos do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, eles se fazem presentes na constituição do excerto na medida em que o autor fala em nome do outro com que dialoga. O uso das aspas, por exemplo, é um recurso gráfico que mostra textualmente a antecipação do discurso alheio para o contexto do discurso autoral. Elas – as aspas – antecipam/introduzem o discurso alheio no contexto do discurso autoral, visto que demarcam textualmente que o enunciado concerne ao outro, e não à voz autoral. Assim, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado*. Com o uso da citação direta, o autor também fala no lugar do outro com o qual dialoga, já que a voz alheia apenas é trazida à baila por meio da voz autoral. Assim, temos em cena a atuação do *discurso direto substituído*.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto* faz-se presente na medida em que notamos o fato de o discurso alheio passar a determinar o que foi dito pelo discurso autoral. Nesse ponto, podemos fazer um cruzamento, por assim dizer, com o discurso *bivocal de orientação única*, já que, se o fragmento dispõe de uma mesma e única orientação, é de se esperar que o discurso alheio tenha influenciado diretamente o que foi dito no contexto do discurso autoral. Assim, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio; sem as quais o fragmento não teria sido escrito da maneira como foi.

O próximo fragmento sob análise ilustra a atuação do *diálogo velado*, uma variante do *discurso bivocal de tipo ativo*. Segue o trecho:

- (2) Escapa aos objetivos do presente artigo empreender uma análise detalhada de tal concepção de Schlegel, o que se pretende aqui é justamente estabelecer uma relação, a nosso ver fecunda, entre a leitura e o modelo entendido em sentido artístico.

Na seara da escrita acadêmica, como sabemos, é comum que se apresentem as limitações advindas de determinado trabalho realizado; algo que pode lançar luz, por exemplo, a sugestões para futuras pesquisas. É o que acontece com a construção dessa passagem sob análise: por meio do uso do *diálogo velado*, o escrevente considera as réplicas de um interlocutor ausente ou mesmo leva em conta a presença – não visível, mas sentida – de outrem. Assim, o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as possíveis réplicas de um interlocutor ausente – quer a comunidade acadêmica leitora, quer os pareceristas do artigo em voga. Apresentar as limitações de determinada pesquisa realizada é um movimento que leva em conta a presença do outro, pois esse movimento poderia ser uma réplica a possíveis indagações dos leitores, por exemplo, ou mesmo dos pareceristas em relação a objetivos não contemplados pelo presente artigo. Logo, o diálogo velado pode ser um modo pelo qual o autor

⁹ Sabemos que pode haver a presença de mais de um autor nos artigos científicos selecionados; optamos, no entanto, por “autor” e “escrevente”, no singular, por questões de uniformidade e de padronização.

pode evitar possíveis críticas no que tange à construção do seu artigo, contribuindo, também, em certa medida, para que o artigo seja aceito para publicação no periódico escolhido.

O próximo excerto a ser analisado ilustra a atuação do *discurso direto preparado*, do *discurso direto substituído* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

- (3) Em sua Introdução, Machado afirma que, ao se referir aos gregos como “nossos luminosos guias”, Nietzsche dá continuidade ao projeto de Winckelmann, Goethe e Schiller de pensar a obra de arte moderna a partir de uma reflexão sobre a arte grega. Contudo, diferentemente destes autores, Nietzsche não toma os gregos como essencialmente ou exclusivamente apolíneos, e os relaciona ao que, para ele próprio, seria um aspecto mais profundo da cultura grega: o dionisíaco, que não havia sido pensado por aqueles.

Podemos notar que o escrevente narra, por assim dizer, as ideias do discurso do outro no momento em que introduz esse discurso no contexto do discurso autoral. Sentenças como “Machado afirma que” e “Nietzsche dá continuidade” são ilustrativas do modo pelo qual se dá a preparação do discurso do outro para fazer parte do discurso autoral. Essa antecipação do discurso alheio, por sua vez, é feita com base em uma narrativa, pois o discurso autoral “conta”, por assim dizer, sobre a introdução de Machado. Ao partir dessa introdução de Machado, o discurso autoral introduz as falas dos outros com os quais dialoga – Machado e Nietzsche. Desse modo, como houve a antecipação do discurso alheio de modo a fazer parte do discurso autoral e como o discurso autoral fala pelo e no lugar do outro com que dialoga, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*.

No que respeita ao uso do *discurso bivocal de orientação vária*, sua atuação é notada no momento em que as vozes presentes apresentam orientações diametralmente opostas. Ressalve-se, em tempo, que essas vozes não dizem respeito ao discurso autoral, isto é, não são aquelas vozes concernentes ao discurso autoral, mas sim ao discurso alheio. O papel do escrevente, nesse caso, é narrar, por assim dizer, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. Essa narração se dá a partir do momento em que o escrevente cita a conjunção opositiva “contudo”, a qual ilustra a presença de um conflito. Tal conflito se dá entre a voz de Nietzsche e a de outros autores mencionados pelo escrevente. Assim, o discurso autoral narra a orientação oposta entre a voz de Nietzsche e a voz de outros autores com os quais dialoga. Essa orientação oposta reflete o pensamento diferente de Nietzsche em relação os seus contemporâneos: ele não toma os gregos como única e exclusivamente apolíneos. Por isso, nesse cenário, o escrevente narra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* na composição desse excerto.

O fragmento a seguir foi retirado do todo composicional do artigo “Desejo e acusação: a ‘novinha’ e a sexualidade feminina como fonte de tensão”, publicado na “Cadernos Pagu”. O excerto ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta:

- (4) Olha, você não vê? Essas novinhas não param de fazer filho!”, comenta Flor, uma mulher de 27 anos. Mulheres mais velhas, porém ainda jovens, circulam as mensagens com tom de advertência: “tá vendo, depois abandona aí, porque tem sempre gente pra cuidar”, diz Karen, uma mulher de 32 anos ao se referir às “novinhas”.

O *discurso objetificado* é influente na composição do trecho, especialmente porque o discurso alheio citado se torna o próprio objeto de discurso do escrevente. O discurso alheio citado é o tema sobre o qual se discorre no contexto do discurso autoral; e isso é feito de maneira evidente na composição do trecho, uma vez que as falas correspondentes ao discurso do outro são transpostas para o contexto do discurso autoral por meio do discurso direto. A voz alheia, ao ser objetificada, serve aos propósitos do projeto discursivo do autor, tendo em conta que é a respeito do discurso alheio que se discorre no contexto do discurso autoral. Por isso, o discurso alheio “serve” aos propósitos discursivos do autor, está *a serviço* do projeto discursivo do escrevente.

A influência do *discurso direto em estilo monumental* é percebida no momento em que a fala do discurso alheio é transposta para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foi empregada. Aqui, o uso do *discurso direto em estilo monumental* é também um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem, dado que elas são transpostas para o contexto do discurso autoral da mesma maneira com que originalmente foram empregadas. Por isso, há a interpretação de que o enunciado alheio seria um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Para o trabalho realizado, é importante que o autor transponha para o contexto do discurso autoral o discurso alheio da mesma forma com que originalmente foi empregado, pois é um modo de garantir credibilidade ao que está sendo discutido neste momento do artigo ao exemplificar o assunto tratado por meio da voz do discurso alheio. Ou seja, trata-se de uma estratégia argumentativa.

O uso do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído* faz-se perceber na medida em que o autor antecipa/introduz o discurso do outro no contexto do discurso autoral e também no momento em que, a partir desse movimento, o escrevente fala por e no lugar do outro com o qual dialoga. Construções como “comenta Flor” e “diz Karen” são maneiras pelas quais o discurso autoral fala no lugar desse outro com o qual dialoga e também é uma maneira pela qual o discurso autoral introduz o discurso alheio na construção do trecho.

O próximo fragmento a ser analisado se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

- (5) Cinthia emenda: “a culpa das novinha engravidar é das mães que não fica em cima, não fala de sexo, não fala de gravidez e às vezes fica feliz quando a filha fica grávida, posta no Facebook e diz que vai ser vovó”, sentença que localiza a natureza “errada” das “novinhas” num ponto nevrálgico para esta discussão, que diz respeito à relação entre mães e filhas, feita nas dobras do conflito e da amorosidade maternal.

Esse fragmento ilustra a atuação dos seguintes tipos de discurso: *discurso direto preparado*, do *discurso direto substituído* e do *discurso direto em estilo monumental*. O uso de “Cinthia emenda” ilustra de maneira evidente o modo pelo qual o discurso autoral “prepara”, por assim dizer, o discurso alheio para fazer parte do discurso autoral. Com esse movimento – o uso de “Cinthia emenda” –, o escrevente antecipa o discurso alheio no contexto do discurso autoral e também fala em nome desse outro (Cinthia) com o qual dialoga. Por isso, há a substituição do discurso do outro no momento em que o discurso autoral fala no lugar desse outro; sendo assim, a voz alheia apenas é trazida a lume por meio da voz concernente ao discurso autoral. Esses movimentos – antecipar o discurso alheio e falar no lugar desse discurso – caracterizam a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*.

Quanto à atuação do *discurso direto em estilo monumental*, esta é percebida no momento em que o discurso alheio é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foi empregado. Como sabemos, o uso desse tipo de discurso também pode ser um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem, já que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o discurso alheio não sofre alterações de qualquer ordem. Por isso, o enunciado alheio é entendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Ao não sofrer alterações na transposição para o contexto do discurso autoral, preserva-se esse caráter “imutável” e “impenetrável” do enunciado.

O próximo fragmento textual a ser analisado foi retirado do artigo “Bissexualidade e ambiguidade: relações metafóricas e processos metonímicos em produções discursivas sobre a bissexualidade”. O excerto ilustra a atuação do *discurso direto preparado*, *discurso direto substituído*, *discurso direto em estilo monumental*, do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Vejamos como ele se apresenta:

- (6) Em entrevista a Gesser e Fietz (2019:141), Eva Kittay ressalta que é inevitável que pensemos no cuidado, pois “um mundo em que ninguém se importasse com ninguém seria um mundo em que as necessidades daquelas(es) que não pudessem atender às suas próprias necessidades (e que somos todos nós em algum momento de nossas vidas) seriam negligenciadas”. Assim, a abordagem da temática do cuidado torna urgente e inevitável o rompimento com os ideais liberais de autonomia e independência, que estão fortemente presentes no contexto social em geral, inclusive nas teorias sobre justiça (Kittay, 2015).

O uso da expressão “Eva Kittay ressalta” é representativo da atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Mediante o uso dessa expressão, o discurso autoral cumpre a função de antecipar/introduzir o discurso alheio no contexto do discurso autoral. Assim, a voz do discurso alheio apenas é trazida à cena por meio da voz do discurso autoral; a voz do discurso alheio apenas passa a fazer parte do discurso autoral porque é introduzida pela voz do discurso autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado*. Mediante o uso dessa expressão, o discurso autoral também cumpre a função de falar no lugar do outro com o qual dialoga; dessa maneira, a voz do discurso autoral apresenta o discurso alheio no momento em que fala por ela, fala no lugar dela, o que caracteriza a atuação do *discurso direto substituído*.

Temos também em cena a atuação de uma citação direta, o que significa dizer que temos em cena a atuação do discurso direto em estilo monumental. Por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do enunciado alheio, dado que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o enunciado alheio é deslocado *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. Assim, não houve alterações de qualquer ordem na transposição do enunciado alheio para o contexto do discurso autoral. O uso do *discurso direto em estilo monumental*, portanto, também pode ser um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem, visto que elas não sofrem alterações. Pode ser, também, uma maneira de o autor julgar que determinada ideia ou conceito pode ser mais bem explicado por meio das palavras do outro, considerando que a voz alheia é interpretada como uma voz de autoridade naquele assunto em voga, ao contrário de se valer de suas próprias palavras. Ou seja, trata-se novamente de estratégias argumentativas.

As inferências relacionadas à abordagem do cuidado apenas são tecidas com base na influência do discurso alheio. O discurso do outro passa, então, a determinar o que está sendo dito pelo discurso autoral. O discurso autoral se vale de uma paráfrase para citar as suas inferências que dizem respeito à abordagem da temática do cuidado. Essas inferências já foram ditas em algum contexto por outrem; o discurso autoral as reformula com as suas próprias palavras. Nesse caso, o autor julga que as suas próprias palavras podem explicar de maneira satisfatória a abordagem da temática do cuidado e não vê, portanto, a necessidade de recorrer às palavras alheias para discorrer acerca dessa temática. Essas influências do discurso alheio no contexto do discurso autoral caracterizam a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

A voz do discurso autoral narra, por assim dizer, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. O discurso autoral sugere que haja o rompimento com os ideais liberais de autonomia e independência. Esse rompimento ilustra o modo pelo qual o discurso se converteu em um palco de luta entre duas vozes – a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio – cujas orientações são diametralmente opostas. As orientações são opostas, pois, para o discurso autoral, deve haver o rompimento com os ideais liberais de autonomia e independência impregnados no contexto social em geral. Há um conflito, portanto, entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio (o que diz o contexto social mais amplo). Além de o discurso autoral não concordar com o que diz o contexto social em geral (o discurso alheio), ele também cita que deve haver esse rompimento, o que acaba por “narrar” a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*.

Convém sublinhar neste momento algumas observações no que diz respeito aos resultados a que chegamos tendo por base as análises empreendidas e os tipos e variantes de discurso que recorrentemente atuaram na escrita desses artigos.

O uso do *discurso direto substituído* pode ocorrer simultaneamente ao uso do *discurso direto preparado*. Isso porque, como apontam as análises, no momento em que o discurso autoral introduz/antecipa o discurso do outro, o autor também faz o movimento de falar pelo outro, falar no lugar desse outro com o qual dialoga e em nome desse outro. Desse modo, a voz concernente ao discurso alheio apenas é trazida à baila por meio da voz do discurso autoral.

O uso do *discurso bivocal de orientação única* é oportuno no momento em que as vozes discursivas – a voz autoral e a voz alheia – convergem para uma mesma e única orientação. Assim, esse tipo de discurso nos indica que não há conflito entre ambas as vozes em determinado momento de composição do artigo científico e que há uma relação de conformidade/concordância entre ideias. São esperadas e muito comuns, portanto, nessas situações, conjunções conformativas, a exemplo: “conforme”, “segundo”, “de acordo”, etc.

A atuação do *discurso objetificado* faz com que o discurso do outro atenda aos propósitos discursivos do discurso autoral na medida em que o próprio discurso alheio funciona como o objeto de discurso do autor. Assim, a unidade de enunciação do discurso do outro está a serviço da unidade de enunciação do discurso autoral, de que é objeto.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto* acompanha a presença das paráfrases realizadas pelo discurso autoral. As paráfrases do pensamento de outrem são um recurso por meio do qual o discurso autoral indica como as considerações alheias influenciaram as suas próprias considerações e, assim, com base na voz do outro, o discurso autoral apresenta um conteúdo (temático) sobre o qual possa discorrer. A atuação desse tipo de discurso, portanto, demonstra como o enunciado autoral recebeu influências do discurso alheio, pois o discurso do outro passa a fazer parte do discurso autoral.

O uso do *discurso direto em estilo monumental* acompanha a presença da citação direta. No momento em que o autor se vale dessa citação, o enunciado alheio, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, não sofre alterações de qualquer ordem, isto é, é transposto *ipsis litteris*. Assim, preserva-se, por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio considerado como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Desse modo, quando passam a integrar o contexto do discurso autoral, as palavras do outro não sofreram modificação. As palavras do outro, todavia, impactam o discurso autoral: o autor decidiu citá-las por alguma razão e isso já mostra a importância dessas palavras, traduzidas como posições axiológicas adotadas ou negadas pelo discurso autoral.

O uso do *discurso direto preparado* foi um recurso bastante explorado pelo discurso autoral na formulação de seus textos. Com base nesse tipo de discurso, o autor consegue antecipar o discurso alheio, de modo a fazer com que ele seja introduzido no contexto do discurso autoral. O uso de citações diretas ou indiretas – sobretudo as diretas – mostra de maneira evidente a atuação desse tipo de discurso, pois, por meio delas, o discurso autoral introduz a fala alheia em momentos nos quais o discurso alheio contribui para a discussão promovida no contexto do discurso autoral.

O uso do *diálogo velado* é uma estratégia discursiva por meio da qual o autor considera a presença de um outro (interlocutor) e, dessa forma, antecipa possíveis indagações que esse outro possa fazer em relação ao que foi dito pelo autor. No caso dos artigos científicos, esse outro muitas vezes foi interpretado como o(s) parecerista(s) do artigo em questão e como os eventuais leitores interessados na discussão promovida por essas pesquisas realizadas. Assim, não há visivelmente a presença desse parecerista ou desses leitores, por exemplo, mas o autor “sente”, por assim dizer, essa presença do outro, ainda que de forma velada. Com essa presença – não visível, mas sentida –, o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de (e a) um interlocutor ausente, que pode ser o parecerista do artigo em questão ou os leitores em potencial para a leitura do artigo científico produzido.

Por último e não menos importante, o uso do *discurso bivocal de orientação vária* indica que há um conflito entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio, pois ambas as vozes não convergem para uma mesma e única orientação; ao contrário: dispõem de uma orientação diametralmente oposta. Como tal, o uso de conjunções adversativas (“no entanto”, “contudo”, “todavia”, “entretanto”, “porém”, por exemplo) são bastante presentes nessas situações de discordância entre o discurso autoral e o discurso alheio.

A mobilização desses tipos e variantes de discurso pelos autores dos artigos científicos configura-se, a nosso ver, não apenas como estratégia argumentativa, mas como gesto enunciativo atravessado por posições axiológicas que organizam a relação com a palavra do outro. Essas escolhas não se limitam a procedimentos formais de citação; elas dizem respeito ao modo como o discurso alheio é incorporado à cadeia discursiva, reacentuado valorativamente e orientado responsivamente no interior do ato de enunciação. Ao convocar vozes precedentes, o escrevente não as reproduz de maneira neutra, mas as enquadra segundo seu projeto discursivo, atribuindo-lhes determinada entonação axiológica e inserindo-as em uma rede de relações dialógicas que as tensiona, confirma, reflete, refrata ou subordina. Nesse sentido, as formas de citação analisadas constituem modos específicos de realização do dialogismo na esfera científica, evidenciando que o relacionamento com a palavra do outro envolve sempre uma tomada de posição valorativa e uma orientação para o horizonte de compreensão responsiva da comunidade de pares.

6 Para concluir

O presente artigo teve por objetivo analisar modos de manifestação das relações dialógicas na constituição da escrita de *artigos científicos* da área das Ciências Humanas, tendo por base os tipos e variantes de discurso discutidos por Volóchinov e Bakhtin, respectivamente, nas obras *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021) e *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2018). Para isso, valemo-nos de uma metodologia de estudo da língua exposta por Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021) associada ao paradigma indiciário, como proposto por Ginzburg (1991).

A partir de nossa exposição, acreditamos ter respondido à pergunta de pesquisa principal que orientou a construção deste artigo: *como as relações dialógicas constitutivas da linguagem se expressam em termos dos modos de citação empregados em artigos científicos da área das Humanidades?* Esperamos, assim, ter exemplificado ao longo do presente trabalho que as relações dialógicas, sob o olhar bakhtiniano e do Círculo, sendo fenômeno constitutivo da linguagem, são também constitutivas da produção escrita do gênero artigo científico, conforme se observa nos excertos que foram analisados.

Dentre os tipos e variantes de discurso que se apresentaram na constituição da escrita dos exemplos analisados, podemos mencionar algumas considerações a respeito da atuação de cada um deles na construção dos artigos analisados: (a) o *discurso direto substituído* está presente em momentos nos quais o autor fala no lugar e em nome do pesquisador com o qual dialoga; (b) o *discurso bivocal de orientação única* é visível em momentos em que o discurso autoral e o discurso alheio citado estão em concordância; (c) o *discurso objetificado* é visível em momentos nos quais o discurso do outro está a serviço do projeto discursivo do autor; (d) o *discurso bivocal de orientação vária* faz-se presente em momentos em que o discurso autoral e o discurso alheio citado estão em discordância; (e) o *discurso antecipado, disperso, oculto* é notado no momento em que o discurso autoral deixou-se influenciar pelas palavras alheias; (f) o *discurso direto em estilo monumental* é visível quando o discurso autoral se vale de uma citação direta; (g) o *discurso direto preparado* pode ser notado quando o autor introduz o discurso do outro no contexto do discurso autoral e (h) o *diálogo velado* é influente em momentos nos quais o escrevente considera as réplicas de um interlocutor ausente.

Destacamos, assim, como as relações dialógicas são constitutivas do gênero do discurso *artigo científico*, sendo que, para o escopo do presente texto, optamos por analisar apenas artigos da área das Ciências Humanas. Da análise empreendida, constatamos que as relações dialógicas revelam modos peculiares de os autores dos artigos científicos se relacionarem com as palavras do outro em termos de estratégias argumentativas, discursivas e axiológicas adotadas (ou rejeitadas) em seu trajeto pela escrita do gênero.

Em vista do princípio bakhtiniano de que as esferas de comunicação humana condicionam a constituição dos enunciados e dos gêneros discursivos (Bakhtin, 2016), este estudo não pretendeu demonstrar esse fundamento teórico, mas observá-lo em funcionamento no interior de um *corpus* delimitado de artigos científicos da área das Ciências Humanas. As diferentes formas de citação analisadas vislumbram, assim, modos específicos de incorporação do discurso alheio que se articulam às finalidades argumentativas e às exigências axiológicas dessa esfera acadêmica. O que buscamos, portanto, não é generalizar resultados para a totalidade da área em voga, mas explicitar como, neste recorte empírico, o princípio dialogal preconizado pelo Círculo de Bakhtin se materializa em práticas concretas de escrita acadêmico-científica.

Entendemos, assim, que a discussão proposta aponta para a necessidade de se olhar para os modos de citação e de interpretação dos diferentes tipos de discurso (direto, indireto e indireto livre) para além de meras questões textuais ou de normalização da escrita acadêmica/científica. Ao trazer a voz do outro para o discurso autoral e ao fazê-lo de determinado modo, como atestam as análises empreendidas, o escrevente não se limita a “citar” palavras alheias; antes, estabelece com elas uma relação constitutivamente dialógica com o outro, articulando vozes que se entrecruzam e se refratam na tessitura de seu enunciado.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio recebido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para a realização da investigação mais ampla, da qual provém parte dos resultados constantes neste trabalho.

Referências

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. *Publication manual of the American psychological association: The official guide to APA style* (7th ed.). APA, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT 6022: *informação e documentação – artigo em publicação periódica científica impressa – apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

BAKHITIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHITHIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

CADERNOS NIETZSCHE. v. 44. n. 3. 2023. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet> Acesso em: 12 jun. 2023.

CADERNOS PAGU. n. 68. 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu> . Acesso em: 02 jul. 2023.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Competências*. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/80-conteudo-estatico/acesso-a-informacao/5418-competencias> . Acesso em: 21 nov. 2023.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas Sinais: Morfologia e História*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 143-179.

MACIEL, L. V. C. *Relações dialógicas em narrativas*. 2014. 360p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

MIRANDA, F. D. S. S. *Letramentos (en) formados por relações dialógicas na universidade: (res) significações e refrações com tecnologias digitais*. 2016. 414p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. *Produção textual na Universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SILVA, F. J. *Relações dialógicas na constituição da escrita de artigos científicos*. 2024. 248p. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

SUCUPIRA, *Plataforma*. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/> Acesso em: 10 mai. 2023.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.